

MANASSÉS DE SOUZA

As entoadas de um andarilho do som com seu companheiro de colo



Manassés: o menino "seresteiro de quatro anos" que fez do instrumento seu maior companheiro na caminhada de uma vida nômade, consagrada no universo musical brasileiro.

As rimas sonoras das cordas de aço insistem em tremer em loas à terra seca e rachada. O corpo de um violão tem servido de caixa acústica para a música que o chão árido de nosso sertão suprime. É mais um filho do solo, filho de nossa gente, filho prodigioso de Maranguape. Apesar de preferir que sua música ecoe como universal, o que certamente não a deixa de ser, Manassés de Sousa brinca por meio das cordas de seu violão, como se fosse um menino descalço distraíndo-se às margens do açude, toda a musicalidade nordestina, aliada aos acordes e ritmos que lhe foram apresentados em anos de vida nômade.

Mas que menino descalço foi este Manassés - e quem sabe ainda é - que, apesar dos pés nus, em suas mãos logo cedo já não lhe faltavam cordas para enfiar os dedos. Notícia aos quatro anos de idade, era o pequeno notável de Maranguape, sendo até chamado de "o seresteiro de quatro anos" pelo repórter de jornal. Mas que nada, o menino Manassés só queria brincar com seu mais novo e eterno amigo inseparável, com corpo de mulher e a voz dos arcanjos de aboio. Até

hoje ele nos faz acreditar que apenas brinca com seu amigo, o violão, tamanha a facilidade em o tocar ou, quem sabe, apenas ciranda com o companheiro no colo.

Manassés não negou pés quando o inevitável o chamou. Não saiu como muitos que pisam o mesmo chão rachado, retirantes, despejados pela seca e a miséria, mas saiu com a certeza de que a terra não o expulsava e sim que o mundo o chamava. O caminho de piçarra empoeirada abria espaço entre seus pedregulhos ao nômade em busca de novas batidas. Batidas que alentassem seu coração acostumado às entoadas dos violeiros e ao baque do zabumba. Manassés agora se encantaria de vez com acordes jazzísticos e ritmos dos mais diversos. O sempre menino descalço aprendia a ser universal, poetizando o absurdo numa terra que não era sua como "Oropa, França e Bahia".

Assim, o "Mana", como seus amigos o chamam, conheceu meio mundo. Tocou em lugares na África e na antiga União Soviética, fez amizades por toda Europa e ganhou reconhecimento, coisa que além-mar insistiam em não lhe ceder. Criou estilo próprio, refinado. Parece até que os espíritos da caatinga lhe sopram aos ouvidos melodias do sertão, na qual urgem em busca de parceiros musicais acordes dos antigos descendentes de nossos romancéis e os aliados rítmicos árabes. Ouvir Manassés é como ouvir o som da terra, sem a reconhecer por completo. É como evidenciar baladas universais, interpretando-as com o ouvido de quem já escutou uma acauã, um assum preto e, quem sabe, uma asa branca.

De volta a Fortaleza, anos depois de iniciada sua vida nômade, e com muita vontade de ficar, apesar das dificuldades e incapacidades diante de um mercado que simplesmente dá as costas ao homem e seu instrumento. Continuou andarilho feito o homem do sertão que foge de seu dragão da maldade. E feito Severino, não somente como mais um Severino dos tantos que existem por aí, tangeu as margens de seu rio da vida até encontrar seu olho d'água. Montou seu estúdio e produziu sua música, expandiu as fronteiras com o verdadeiro "universal", que é a possibilidade de se fazer o que mais se quer: fazer o que quiser.

Hoje, entre paredes que guardam fonte de musicalidade brasileira, rejuvenesce um homem e seu companheiro de colo. Homem um tanto quanto ainda menino descalço, de sorriso maroto e fala mansa. Reservado em um mundo, que possa parecer complexo para os mais desafinados musicalmente, leva a vida como passeio de ônibus, olhando pela janela as paisagens de nosso povo e as retratando com sons dignos dos mestres. E foi nessa entoada que se deu nossa entrevista: serena e marota. Enquanto conversávamos, Luiz Gonzaga, Dominginhos e Sivuca, além de um certo jovem Manassés, nos observavam de cima, numa fotografia emoldurada na parede.

Entrevista com
Manassés Lourenço
de Souza,
dia 06/10/99.

Produção, redação,
edição e texto final:
Átila Bezerra, Kelly
Cristina, Régia Honório e
Pedro Lyra.

Texto de abertura:
Alexandre Vale.

Participação:
Adilson Nóbrega,
Alexandre Vale, Átila
Bezerra, Eulália Camurça,
Kelly Cristina, Régia
Honório, Neda de
Figueirêdo e
Pedro Lyra.

Foto: Alexandre Vale.



A equipe de produção entrevistou o jornalista da Rádio Universitária Nelson Augusto, para obter maiores informações sobre a vida e a música do instrumentista.

Régia – *Manassés, a gente sabe que você teve contato com instrumento a partir dos quatro anos de idade.*

Manassés – Foi. Exatamente.

Régia – *Então, como foi esse despertar pra música tão cedo na sua vida?*

Manassés – Foi uma coisa que aconteceu... Eu não posso explicar como é que foi... mas eu tinha um irmão que tocava violão e deixava sempre o violão dele lá no quarto e eu ia devagarinho, quando ele não estava em casa, pegava o violão, começava a mexer no violão um pouco. Conheci as primeiras notas e comecei a tocar um pouco, não é? Sem ninguém saber, eu tocava escondido. Mas, um dia, ele me pegou tocando no violão e me deu uma bronca danada, me proibiu de tocar no violão. Mas aí meu pai viu e perguntou se eu tava tocando alguma coisa. Eu toquei pra ele ver uma música que eu comecei a aprender e a partir daí eles liberaram o violão pra mim. Eu passei a estudar violão. Depois, meu pai comprou um violão pra mim e a partir daí eu comecei a tocar. Aí, já com cinco anos tava tocando violão, participava dos programas de Rádio que tinham aqui em Fortaleza, na época, na Rádio Iracema, que não existe mais hoje, que era o programa do Irapuan Lima (*publicitário, radialista e apresentador de programas de auditório no Rádio e na TV cearenses, nas décadas de 60, 70 e 80*). Um programa de música ao vivo na rádio, tinha o auditório e a gente participava desse programa. E também na Rádio Assunção. E a partir daí, eu comecei a tocar. Então, tocava na feira de Maranguape (*município da região metropolitana de Fortaleza,*

onde ele nasceu). Tinha uma tia minha que tinha um restaurante na feira e eu ia pro restaurante dela tocar, pra chamar os fregueses, aquela coisa... E fui levando. Aí, já com 11 anos, a gente fundou um conjunto, um grupo musical, em Maranguape, só de menino, e tocava versões de Beatles (*banda inglesa*), tocava nas escolas, tocava em festinhas e, logo em seguida, com 12 anos, eu passei a tocar num grupo de baile profissional... Viajar, essas coisas todas. E daí fui.

Pedro – *Esse primeiro grupo era um trio, não era*

“Eu tinha cinco anos, meu irmão tinha oito e o outro garoto (...) tinha dez anos. E depois o circo queria que a gente fosse embora junto, mas aí não deu, né?”

isso? Com os seus irmãos?

Manassés – Não. Era um grupo chamado os “Barra Limpas”.

Átila – *Mas, os irmãos que tocavam com você na infância, quais eram?*

Manassés – Tinham dois irmãos. Aliás, logo quando eu era muito pequeno, fui tocar com um irmão meu chamado Moisés. Inclusive, chegamos a tocar no circo que passou lá por Maranguape, precisavam de um conjunto e a gente foi lá tocar.

Átila – *Como foi essa história do circo?*

Manassés – Rapaz, a história do circo foi o seguinte: passou um circo lá em Maranguape, aquele circo mambembe mesmo, né? Parece que teve uma confusão, o

conjunto foi embora e deixou o circo sem música. Falaram que tinha um pessoal que tocava lá (*em Maranguape*), eles foram até a minha casa e acabaram chamando a gente pra tocar e a gente acabou virando atração de circo. Porque era só menino tocando. Era eu, meu irmão. Eu tinha cinco anos, meu irmão tinha oito e o outro garoto, que tocava percussão, tinha dez anos. E depois o circo queria que a gente fosse embora junto, mas aí não deu, né? (*risos*).

Kelly – *Manassés, você participou de um grupo muito famoso aqui no Nordeste chamado “Os Dissonantes”.*

Como é que era, assim tantos trabalhos, tão jovem, você abriu mão de algumas coisas pra se dedicar ao trabalho?

Manassés – É, “Os Dissonantes” é esse grupo profissional. Comecei a tocar em bailes com 12 anos e eu entrei para “Os Dissonantes”. E, como a gente viajava muito, é claro que a escola ficou um pouco pra trás, né? Inclusive, teve problemas e tudo, mas foi uma opção minha. Ou eu ia pra um canto ou ia pro outro. Então, já muito cedo, meu pai me perguntou o que eu queria fazer... “Não, eu vou continuar estudando, como eu puder, mas eu quero mesmo é tocar”. E tinha vontade de ganhar uma grana também, já muito novo, trabalhando, já ganhando uma grana. Então, eu tinha que enveredar mesmo pra área da música, já muito cedo tive que escolher isso. Foi o que eu fiz a minha vida toda.

Régia – *A gente sabe que aos 12 anos você ia gravar um disco. Por que esse disco não saiu?*

Manassés – Esse disco foi gravado por esse primeiro grupo chamado os “Barra Limpas”. Foi uma pessoa lá de

Segundo Nelson Augusto, Manassés não se enquadra numa determinada linha. “Quando toca cavaquinho, ele vai pro choro; quando toca guitarra, ele vai pra música pop”.

Maranguape que era dona do conjunto, ela patrocinou esse disco e foi até como um disco independente, tá entendendo? Na época, nem existia esse negócio de independente. Talvez tenha sido o primeiro disco independente feito no Brasil, né? Ela mandou fabricar muito poucos discos, parece que ela mandou fabricar 200 discos só e, hoje, ninguém tem esse disco. Ninguém sabe que fim levou. Eu mesmo não...

Pedro – Qual era o tipo de som?

Manassés – A gente fazia versões dos Beatles... Deixa eu me lembrar quais eram as músicas. Era um compacto simples. Eram duas músicas, uma de um lado e outra de outro. Uma música chamava “Pensando nela”, que é uma que os “Golden Boys” (Grupo musical que fez parte do movimento jovem guarda, nos anos 60, ao lado de vários artistas, que ainda existe) gravava, uma versão dos Beatles. E a outra música era de um conjunto italiano que é uma versão dos Brazilians Beatles (banda da mesma época) que gravava “Era um garoto, que como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones”.

Pedro – É uma história de influência do iê-iê-iê, não é?

Manassés – Exatamente.

Pedro – Isso com os “Barra Limpas” e depois passou também para os Dissonantes?

Manassés – “Os Dissonantes” já é um conjunto de baile que a gente tocava todo o tipo de música. Desde forró, “Beatles”, merengue... Na época tinha muita música pra dançar mesmo, né?

Pedro – Foi aí que começou a pintar uma idéia mais profissionalizante? Uma idéia de viver da música, já

com os conjuntos?

Manassés – Nesse conjunto eu já tinha a idéia de viver da música. Eu não tinha idéia ainda de partir para um outro tipo de som. Eu parti, logo em seguida, eu fui tocar uma música mais regional, que é uma música mais elaborada, é uma música mais direcionada. No caso fui com o “Pessoal do Ceará”, (com os cantores cearenses que formaram o grupo que ficou conhecido como “Pessoal do Ceará”, início dos anos 70) com Ednardo, com Rodger, com a Têti. Aí a gente foi pra São Paulo, pra fazer um trabalho

“Talvez tenha sido o primeiro disco independente feito no Brasil, né? (...) parece que ela mandou fabricar 200 discos só e, hoje, ninguém tem esse disco.”

mais direcionado, um trabalho mais nosso mesmo.

Kelly – Durante a produção (desta entrevista), encontramos muitas referências a respeito desse movimento do “Pessoal do Ceará”. O que significou pra você, em particular, e pra música cearense?

Manassés – Pra mim, foi a abertura das portas, principalmente. Porque, a partir desse trabalho, as portas se abriram pra mim no Sul, eu conheci muita gente do meio, gente boa, gente famosa. E a partir daí, começou um trabalho, realmente, artístico mesmo, e participaria de trabalhos legais, trabalhos importantes, né? E foi a partir do “Pessoal do Ceará”.

Pedro – Mas foi com “Os

Dissonantes” que teve a idéia de vir de Maranguape para Fortaleza, não é?

Manassés – Não. A idéia é o seguinte: eu tocava nos “Os Dissonantes” e o Edson Távora, um grande músico, que faleceu agora, há uma semana atrás. Ele foi me buscar lá em Maranguape pra fazer uns trabalhos aqui com ele, em Fortaleza. Aí, nesse meio, eu conheci o Rodger, a Têti, o Ednardo, e o Edson também tava fazendo uns trabalhos com eles, e a gente começou a fazer um trabalho junto a partir daí, a partir da indicação de Edson Távora.

Pedro – E que tipo de som vocês faziam?

Manassés – A gente fazia o “Pessoal do Ceará”. Fazia música universitária, mas com raízes nordestinas. Uma música urbana, mas com raízes nordestinas, que tá por aí até hoje.

Adilson – Como foi sua participação no show “Coisas Assim”?

Manassés – Esse show foi um show da Têti e do Rodger, no Teatro Universitário, se eu não me engano. Foi justamente o primeiro show que eu fiz com eles.

Régia – Foi a partir daí que surgiu o “Chão Sagrado”, o CD?

Manassés – Exatamente. Foi a partir daí. Esse show foi uma síntese, a gente fez o “Retrato marrom”. Não me lembro se foram dois shows ou se foi um show só. E aí a gente foi pra São Paulo e fez o CD... o CD não, o LP “Chão Sagrado” com o pessoal do Ceará, Rodger e Têti..

Pedro – Antes disso teve a ida pra São Paulo, pro programa da Bandeirantes, né? O “Mambembe”.

Manassés – Foi junto. Foi nessa leva que a gente



Para o jornalista e fã Nelson, “o início de tudo foi a Jovem Guarda”, teria sido esse um dos alicerces da música do instrumentista.

Nelson Augusto concorda com o título de “músico universal” que Manassés vem consagrando ao longo de sua carreira e considera “A Viola dele é inconfundível”.



O número do telefone da residência de Manassés foi cedido pela jornalista Ethel de Paula do jornal O Povo.

participou de um programa da Bandeirantes, em que foi lançada lá, na época, muita gente boa. Foi lançado Ney Matogrosso (*cantor*), Secos & Molhados (*grupo musical de curta duração*), Simone (*cantora*) apareceu também no programa. Quem mais? João Bosco (*cantor e compositor*). Um monte de gente que apareceu a partir desse programa que chamava “Mambembe”. Um programa produzido pelo Walter Silva, que era o produtor de Elis Regina (*cantora, falecida em 1982*), na época da Bossa Nova, um cara que já tinha um trabalho já importante lá em São Paulo.

Régia – Como foi que você decidiu que o Manassés músico teria de ir pra São Paulo, que aqui não teria mais espaço. Como foi essa decisão?

Manassés – Essa decisão foi um convite que eu tive do Rodger, do Ednardo, da Têti, do Edson e eu já vinha pensando há algum tempo. Desde que eu comecei a tocar em baile, a gente sempre pensa em crescer na profissão, né? E crescer seria, no caso, sair daqui pra ir pro Sul, Rio ou São Paulo. E pintou essa oportunidade de ir pra São Paulo, e eu fui junto. Eu era muito novo, mas não foi uma decisão muito difícil não.

Kelly – Manassés, você sempre fala das dificuldades dos artistas em ter espaço aqui no Ceará pra divulgar o trabalho... Mudou alguma coisa dessa época até hoje?

Manassés – Mudou muito pouco, digamos um por cento, dois por cento. Porque, hoje em dia, não sei o que está acontecendo. Até uns 10 anos atrás, as rádios daqui, por exemplo, diziam que não se tinha um produto de qualidade feito aqui, por isso que eles

não tocavam. Hoje em dia, a gente está com bons estúdios, competindo pau-a-pau mesmo com os grandes estúdios do Rio, em termos de qualidade de som. Os trabalhos que se tem feito aqui (*no Ceará*) são muito bons e eu assino embaixo mesmo alguns trabalhos que eu fiz com o David Duarte (*cantor e compositor cearense da nova geração*), a Têti, o próprio Chico Pio (*cantor e compositor*), que não tá aí (*olha e aponta para uma galeria de CDs produzidos no Estúdio “Olho d’água” por Manassés e que estão juntos em uma das paredes próximas*

“A gente fazia o ‘Pessoal do Ceará’. Fazia música universitária, mas com raízes nordestinas. Uma música urbana, mas com raízes nordestinas, que tá por aí até hoje.”

ao local da entrevista). São trabalhos que eu tenho a maior honra de assinar embaixo o meu nome e são trabalhos que poderiam estar tocando nessas rádios e não tocam. Algumas das rádios, por exemplo, que tocam é a Rádio Calypso (*FM. 106, 7 Mhz*), toca muito timidamente, e a Atlântico Sul (*FM. 105, 7 Mhz*). A Rádio Universitária (*FM. 107,9 Mhz, da Universidade Federal do Ceará-UFC*) realmente é uma rádio que toca mais a nossa música e tá sempre dando o apoio. Mas é uma rádio que tem potência muito pequena e não chega em todos os lugares (*segundo o diretor da Rádio Universitária, Agostinho Gósson, ela é capaz de alcançar grande parte de Fortaleza e cidades da região*

metropolitana. Por questões como as grandes edificações da região norte da cidade, as ondas podem não alcançar todos os lugares).

Tem um empresário, eu queria até falar disso, porque é uma atitude louvável do cara. Eu não lembro o nome dele, mas ele tem uma loja chamada Tentacion, que é uma loja de roupas íntimas. E o contrato dele com a Calypso é que toda vida que fosse sair uma propaganda da Tentacion teria que ter um som, que ele chama de som do Ceará. Sempre toca David Duarte, Paulinho Façanha, Roberto Pinto (*cantores da nova geração de artistas cearenses*)... E ele botou no contrato: “Só assino o contrato se toda vida que fizer a propaganda da Tentacion tocar uma música produzida no Ceará”. E é um exemplo a ser seguido. Se os empresários todos fizessem isso, já seria uma ajuda. E as rádios também, se tivessem um pouco de boa vontade também. Eu acho que ajudaria muito.

Pedro – A Rádio Universitária tem um projeto de trabalhar esse LP “Chão sagrado”. Relançar. Você conhece esse projeto?

Manassés – É um projeto do Nelson Augusto (*jornalista; crítico de música*). É um projeto em que ele tá tentando relançar em CDs alguns discos importantes feitos por cearenses. No caso, “Chão Sagrado”, tem o disco do Petrucio Maia (*cantor e compositor cearense, falecido recentemente*), que foi gravado no Rio, tem o meu primeiro disco gravado pela CBS no Rio, eles estão querendo lançar também. O Nonato Luiz (*violonista cearense*) eles já lançaram primeiro. Tem um outro disco da banda Santarém,

Os primeiros contatos foram feitos com o próprio Manassés. Nos quatro contatos realizados pela produção, o músico mostrou-se sempre solícito e interessado.

que eles querem lançar. Então eles querem pegar aqueles discos que foram gravados, mas que tiveram uma tiragem muito pequena e que saíram do catálogo. No caso, não se encontra mais, não foram lançados em CDs. Então, eles querem resgatar isso aí.

Alexandre – *Manassés, só voltando um pouquinho. Eu queria que você contasse um pouco a sua mudança quando você saiu daqui pra São Paulo. Como é que foi a sua chegada lá. O Fagner conta história que passou um monte de dificuldades lá, ficou na rua...*

Manassés (sorrindo, em tom de brincadeira) – É tudo papo furado. (risos)

Alexandre – *Eu queria saber como é que foi essa transição. Já tinha lugar pra ficar, foi bem recebido... Como foi essa história?*

Manassés – Rapaz, quando se tem 18 anos você tem coragem pra tudo, né? Então, a gente foi mais na coragem mesmo. E foi uma barra meio pesada. Em São Paulo, a gente foi com um grupo pra trabalhar e tudo, mas teve um momento em que acabou o dinheiro, acabou tudo. E gente foi com a cara e a coragem. A barra lá pesou e alguns vieram embora.

Átila – *E quais foram as dificuldades que você encontrou?*

Manassés – Rapaz... As dificuldades de trabalho. Pouco trabalho, pouco dinheiro... A gente não tinha onde morar, morava emprestado, aquelas coisas todas. E pessoal voltou e eu não voltei mas por uma questão de orgulho mesmo. Eu dizia: “Rapaz, se eu chegar em Maranguape de novo, eu tô fodido.” (risos).

Adilson – *As gravadoras de lá tinham preconceito contra vocês?*

Manassés – Não, até que

não. Existiam algumas gravadoras que lançavam os artistas nordestinos, na época, tinha a RCA e já tinham lançado seu primeiro CD do “Pessoal do Ceará” que foi o “Meu Corpo, meu Balaio” com o Ednardo, o Rodger e a Têti. E tava tendo o começo do movimento da música Nordestina. Foi no começo do movimento que começou a aparecer Belchior (cantor e compositor cearense), Fagner (cantor e compositor cearense), Alceu Valença (cantor e compositor pernambucano), esse pessoal, né? Foi nessa época que a gente foi.

“E ele botou no contrato: 'Só assino o contrato se toda vida que fizer a propaganda da Tentacion tocar uma música produzida no Ceará'. E é um exemplo a ser seguido.”

Kelly – *Apesar de todas as dificuldades de trabalhar, você rompeu o contrato com a (gravadora) CBS. Como aconteceu? Por quê?*

Manassés – A CBS já aconteceu bem depois. Porque, quando eu fui pra São Paulo, fui em 72, fiquei 3 anos, e em 75 fui morar em Paris a convite de um cearense que morava em Paris e tocava numa boate e me convidou para tocar lá. Foi aí que eu vim pra CBS. O Fagner foi fazer um show em Paris, mas ele foi sozinho, e lá encontrou comigo e um percussionista pernambucano chamado Fernando Falcão e a gente fez um show. O show ia ser uma semana e acabou ficando três, porque lotou, foi um negócio, e aí ele se

empolgou e me trouxe para o Brasil pra gravar o disco dele chamado “Quem Viver, Chorar”. Foi o primeiro disco acústico que ele fez, em que gravou “Revelação”. Foi o disco que ele estorou no Brasil inteiro. E nessa época, ele assumiu uma parte da direção da CBS, assumiu um selo chamado “Épico”, e foram lançados nesse selo: Elba Ramalho (cantora paraibana), Amelinha (cantora cearense), Geraldo Azevedo (cantor e compositor pernambucano), Alceu Valença, Zé Ramalho, Petrucio Maia, Nonato Luiz (violonista cearense), Cirino (violonista cearense) e o meu disco foi incluído nessa leva que foi produzida lá. Esse foi o único disco que eu gravei pela CBS. Logo em seguida, o Fagner saiu da CBS, foi pra BMG e a gente também. Os caminhos se romperam um pouco, cada um foi pra um lado. E eu também rompi o contrato com a CBS, justamente nesta época.

Pedro – *Voltando ainda pra sua chegada em São Paulo, como era o cotidiano para viver, levantar dinheiro pro dia-a-dia, porque, às vezes, não dava pra ter trabalho sempre com música pra ganhar dinheiro?*

Manassés – Rapaz, foi dureza. Em São Paulo, geralmente pintavam shows, normalmente nas universidades e, às vezes, ficava meio difícil. A gente sempre tratava de visitar um amigo na hora do almoço, aquele negócio de chegar na hora e pegar o almoço (risos). E as dificuldades diminuíram a partir do momento que eu comecei a tocar em outros lugares, comecei a tocar em boates, onde me chamavam eu tocava... Em cabarés... Toquei em tudo quanto foi lugar em



A entrevista teve de ser antecipada para o dia 06 de outubro, pois o instrumentista teria compromissos no final do mês no Rio de Janeiro.

O estúdio de Manassés, Olho D'água, foi o local marcado para a realização da entrevista. Pontualmente, às 16 horas, o músico chegou ao estúdio.



Manassés chegou em um buggy vermelho e ficou surpreso com o número de pessoas que o aguardavam na porta do Olho D'água.

São Paulo, na “Boca do Lixo”... Eu tocava em tudo quanto era canto pra ter uma sobrevivência menos difícil.

Régia – *Você chegou a exercer outra atividade pra se sustentar?*

Manassés – Não, nunca cheguei a fazer... Aliás, cheguei a fazer um pouco em Paris, mas muito pouco. Mas sempre sobrevivi da música.

Alexandre – *Nessa época, que você tocou em barzinhos de São Paulo, você já tocava alguma composição sua?*

Manassés – Ainda não. Eu comecei a compor, justamente, foi em 75, quando eu fui para Paris. Logo que eu cheguei em Paris, foi que eu comecei a compor, desenvolver um trabalho mais de composição, né?

Átila – *Manassés, como foi a sua passagem pelo conservatório Alberto Nepomuceno (conservatório de música localizado na avenida da Universidade)?*

Manassés – Rapaz, foi triste, viu? (*risos*). O que aconteceu é que eu morava em Maranguape, e eu comecei a tocar muito cedo, e as pessoas sempre falavam para o meu pai me colocar no conservatório, que eu ia me desenvolver. E o conservatório era pago e minha família era pobre, não tinha dinheiro para pagar passagem de ônibus, lanche, essa coisa toda de Maranguape pra cá (*Fortaleza*). Mas meu pai fez um esforço e disse: “Não, vou lhe colocar no conservatório”. Eu comecei a vir e o professor passou uns dois ou três meses me ensinando a história do violão, as peças do violão... Eu querendo tocar e nada de acontecer. Logo no primeiro dia de aula prática, o professor tocou, pediu pra eu tocar. Ele olhou pra mim assim, eu olhei

pra ele assim. Eu pensei assim: “Rapaz, eu não vou vir mais não.” E ele pensou assim: “Rapaz, é melhor eu não dar aula pra esse rapaz aí mais não, que eu vou me complicar.” (*ri*). Então, eu achei muito ruim, sinceramente eu achei muito ruim. Não gostaria de dizer o nome do professor, porque não interessa. Mas eu achei que, não me satisfiz em nada.

Pedro – *Passando já então pra época da Europa. Você foi já certo pra tocar na “Via Brasil”?*

Manassés – Eu fui tocar numa boate chamada “Via

trabalho da sua música, que você fazia naquela época, com o europeu? A receptividade do músico europeu com o seu trabalho e o público também?

Manassés – Eu toquei com um músico chamado Georges Moustaki, que é um grego radicado em Paris há muitos anos. Um grande nome da música francesa. E o som dele sempre teve uma queda pelo Brasil, sempre trabalhou com algum brasileiro, sempre tinham músicos brasileiros tocando na banda dele. Então, na época, eu tocava cavaquinho, quando ele me viu tocando achou interessante colocar na banda dele e passei a tocar com ele.

Régia – *Ainda na França você fez parte de um grupo francês que fez excursões pela Europa...*

Manassés – Era um grupo brasileiro, mas radicado lá já muito tempo, chamado “Les Etoilles”. Eram dois cantores, um de São Paulo, outro do Rio, e cantavam boa música popular brasileira: Tom Jobim (*cantor, compositor, maestro já falecido*), João Bosco (*cantor e compositor*), o que a gente tinha de melhor, só que eles se travestiam. Faziam um tipo de música Carmem Miranda (*cantora brasileira dos anos 30 e 40, portuguesa de nascimento morta, em 1955*), essa coisa. Mas era um grupo que fazia uma música muito séria. A gente trabalhou muito junto, viajou a Europa toda com eles, sempre tocando em teatro. Foi um trabalho que eu fiquei dois anos fazendo e foi muito legal, muito legal.

Pedro – *Muitos brasileiros, quando chegam à Europa, ficam muito presos à história de Tom Jobim, Carmem Miranda...*

Manassés – É quase uma

“Em São Paulo, a gente foi com um grupo pra trabalhar e tudo, mas teve um momento em que acabou o dinheiro, acabou tudo. (...) A barra lá pesou e alguns vieram embora.”

Brasil”, pra tocar 6 meses. E, quando cheguei lá, comecei a tocar, realmente era um serviço muito pesado, porque a gente tocava a noite toda, todos os dias. Era muito cansativo. E ficava meio preso àquilo ali, aquela história da boate, tocava carnaval. Era uma música que não me interessa muito fazer, né? Aí começaram a pintar os convites pra tocar fora daquele lugar. E acabei saindo com três meses. Fui tocar com outras pessoas, um trabalho mais interessante, trabalhos com músicos instrumentais, com artistas franceses, também. Então, a boate foi mais uma ponte mesmo para eu sair do sufoco que eu tava em São Paulo.

Pedro – *Como era esse*

As primeiras providências tomadas foi pedir os óculos de grau ao Chicão, funcionário do estúdio, e procurar o maço de cigarros Marlboro.

obrigação, né? Porque são as referências que eles têm da gente lá. Carnaval, Tom Jobim, Pelé e Carmem Miranda. Então você acaba tendendo pra esse lado, se você quiser sobreviver e precisa, né? Porque depois você pode partir para um trabalho mais autoral, até, e mostrar um trabalho mais próprio.

Pedro – *Quem eram esses músicos dessa banda “Les Etoilles”?*

Manassés – “Les Etoilles” tinha o Luís Antônio, que era de São Paulo, de São José dos Campos, e o Rolando (*cantor carioca*) que era do Rio, que tinha participado daquele movimento pós-tropicália, e era parceiro do Ivan Lins. Tinha um programa na televisão do Ivan Lins na época que ele participava. Tinha mais dos músicos do Rio de Janeiro, que era o baixista, o Osias (*Osias Gonçalves*) acabou vindo para o Brasil comigo também, gravar com o Fagner, e um percussionista chamado César Farias, que mora em Paris até hoje.

Kelly – *Manassés, todo mundo fala de você como músico universal. Como é que você lida com esse título?*

Manassés – Eu acho que hoje a música toda é universal, esse negócio de música regional eu não gosto muito desse papo não, porque a gente sofre influência de tudo. A música nordestina já teve influências dos árabes, dos mouros... Então a minha música, a partir do momento que eu tive viajando muito tempo lá fora, eu sempre tive ligado nas coisas que eu escuto por aí. Eu sempre fui ver os shows, essa coisa toda... E isso ajudou muito a fazer uma mistura da música regional, que a gente tem aqui, com a música tocada na Europa, nos Estados Unidos.

Eles (*européus, norteamericanos*) estão fazendo agora, vindo para o Brasil ou pra África, pra fazer um tipo de música que eles chamam de “World Music”. Uma coisa que seja mundial mesmo, sem regionalismo, mas contendo suas raízes regionais, como a minha música. Ela (*sua música*) é uma música que tem improviso, que é uma coisa típica da música americana, mas que tem as raízes fincadas aqui na nossa música regional.

Alexandre – *Então, como é que você se definiria artisticamente? Qual é o seu estilo?*

“A gente não tinha onde morar, morava emprestado, aquelas coisas todas. E o pessoal voltou e eu não voltei mas por uma questão de orgulho mesmo.”

Manassés – *Rapaz (pensativo), eu não sei... Mas talvez fosse uma música universal, como eu gosto de falar, porque é uma música que sofreu uma influência do rock, dos Beatles, influências americanas, de Luiz Gonzaga (cantor e compositor pernambucano já falecido), também, de Jackson do Pandeiro (cantor e compositor paraibano). E de muita gente daqui também.*

Kelly – *Manassés, como é o seu processo criativo quando você resolve gravar um trabalho? Você passa meses estudando?*

Manassés – Não, não... Eu tenho uma facilidade muito grande de compor, às vezes... O meu disco (*Nômade*), eu fiz praticamente ele todo no estúdio. Então, eu chegava,

como o estúdio era meu, eu tinha o horário que eu queria, o dia todo, a gente ficava aqui e normalmente eu ligava o microfone pra tentar desenvolver algum tema. Se desse certo, eu ia partir daquele tema e eu desenvolveria a música. Primeiro, a gente desenvolve o tema, que é o fio melódico, no caso, e a partir daí, abre para outras coisas. A partir daí sai a música. Então, eu sempre compus assim, mesmo as trilhas pra cinema que eu faço, eu sempre faço na hora, eu faço no estúdio. Eu não sou muito de compor em casa, parar pra compor, e ficar três, quatro dias numa música só. Se ela não sair no dia, ou na hora, eu deixo pra lá e depois pego de novo. Mas não fico assim: “Ah! Fiz uma parte hoje, amanhã faço outra parte...” Muita gente compõe assim. Eu sempre componho de uma leva só.

Alexandre – *Como é esse processo de composição? Por exemplo, “Briga de foice” (título de uma das faixas de seu CD Nômade). Você pensa na briga de foice e compõe a música em cima ou depois você escutando a música você diz: “Isso aqui parece com uma briga de foice”. Como é esse processo?*

Manassés – *Rapaz, o “Briga de Foice”. Eu vi uma briga de faca, em um filme do Glauber Rocha (cineasta baiano, o maior nome do cinema novo) chamado “Deus e o diabo na terra do sol” (1964, filme premiado em Cannes) em que a briga é com o (ator) Othon Bastos e... Como é o nome do outro cara? (ator) Maurício do Vale. E tem uma briga de faca, muito legal, nesse filme, que tem uma música do Sérgio Ricardo (compositor carioca). Então, eu gostei muito dessa cena do filme e da*



A equipe fez questão de levar alguns exemplares das revistas anteriores para Manassés. O número nove já estava em cima da mesa ao chegarmos.

Os alunos se acomodaram em uma sala do estúdio. Alguns em cadeiras, outros pelo chão, inclusive o professor Ronaldo Salgado.



Durante a entrevista, várias pessoas entraram e saíram do estúdio de gravação do Olho D'água.

música também. E fiz essa música em homenagem a essa seqüência desse filme do Glauber Rocha. Botei a foice pra não ficar “Briga de faca”, porque é muito feio. “Briga de faca”, não é?

Alexandre – *E o “Passeio de ônibus” (título de outra das faixas do CD Nômade), você fez dentro de um ônibus (ri)?*

Manassés – O “Passeio de ônibus” eu fiz dentro do ônibus (risos). Rapaz, o passeio de ônibus é o seguinte: eu morava no Rio, a minha filha (Luíza Marques) era pequeninha, a gente trabalhava a semana todinha e, normalmente sábado, domingo, a gente ia dar um passeio pela cidade, no parque com ela... E um dia que a gente ia sair, o carro quebrou e a gente foi de ônibus. Aquele velho circular que tem no Rio de Janeiro. E depois pintou a melodia dessa música e eu fiquei com ela... fiquei, fiquei, fiquei... fiquei cantando pra não esquecer, até chegar em casa. Cheguei em casa, eu passei pro violão e saiu a música e botei o nome “Passeio de ônibus”.

Alexandre – *Mas já aconteceu o processo inverso, de você fazer a música e depois pensar no nome?*

Manassés – Já, já... Às vezes, pinta a música e você tem que arranjar o nome; Então, você arranja um nome qualquer, também.. Esse disco aí tem uma música que se chama “cachoeira das moças” que eu achei muito bonito o nome, porque um amigo meu, Fernando Câmara, tem uma fazenda em Sobral (município da região norte do Estado, a 240 quilômetros de Fortaleza) e ele sempre me convidava pra ir na fazenda e não dava certo. Aí, teve uma época que eu fui e o nome da fazenda

“Cachoeira das moças” e eu fiquei curioso para ver, pra conhecer a “cachoeira das moças” e quando a gente chegou lá nem tinha nem cachoeira, nem tinha moças (risos). Porque era um lugar totalmente deserto, tinha nada. Quer dizer, tinha a fazenda. E eu perguntei: “Rapaz, por que o nome cachoeira das moças?” E ele falou que foi o pai dele que deu. Que leu num livro, achou bonito e botou. E eu fiz uma música lá e botei o nome “cachoeira das moças”.

Adilson – *Todo mundo ouviu falar de suas participações no exterior. Como foi*

“(...)às vezes, ficava meio difícil. A gente sempre tratava de visitar um amigo na hora do almoço, aquele negócio de chegar na hora e pegar o almoço.”

tocar no festival da juventude em 85 na ex-União Soviética?

Manassés – A gente foi em 85. Foi um grupo muito grande do Brasil. Era um festival que existia nos países comunistas. Não sei se ainda existe esse festival. Foi um monte de gente do Rio, São Paulo. Foram (os cantores) Gonzaguinha, o Martinho da Vila, Geraldo Azevedo, Fagner, (a cantora) Joice, fui eu, a (banda) Blitz, o J. Moraes (tecladista e arranjador paulista)... Quem mais?

Pedro – *Mingo Araújo?*

Manassés – Mingo Araújo (percussionista potiguar) esse povo aí. E a gente foi a convite do governo russo. Não só artistas, mas foram turistas também, foram artistas plásticos, foram fotógrafos...

Foi muita gente e foi um lance muito legal, porque eles formaram uma banda pra acompanhar todos esses artistas. E não tinha cachê. E quando a pessoa que tava na organização veio falar comigo eu disse: “Olha. Eu vou, mas eu vou se puder me apresentar sozinho. Eu vou tocar de graça para os outros, mas eu quero uma parte sozinho”. E realmente foi muito legal. Pra mim, a minha apresentação foi muito legal e o público, não sei o que houve (surpreso), mas o público entrou em sintonia com o som que eu estava fazendo e foi muito legal, porque eu fui convidado a voltar – embora eu não tenha voltado. Dei entrevistas para vários jornalistas e lá as entrevistas são pagas, né? Cada entrevista eles pagam 50 dólares, 100 dólares. Então, nesse dia teve umas 4 ou 5 entrevistas. Foi bem lucrativo (risos). Foi o meu cachê, que eu não recebi deles, foram os jornalistas que me pagaram.

Neda – *Manassés, o que representa na sua carreira todas essas apresentações no exterior?*

Manassés – Eu não sei... Pra mim das apresentações no exterior, as primeiras são as mais importantes: tem aquela curiosidade, de você tocar em um país diferente... Mas, hoje em dia eu não vejo nenhuma diferença, de me apresentar aqui ou de me apresentar em qualquer lugar. Às vezes, as diferenças... Os públicos são diferentes. O público de lá é mais chegado à gente do que o próprio público daqui. Porque são curiosos. Normalmente, adoram música brasileira e estão sempre curiosos, querendo ver coisas novas. Quando eles gostam de um negócio, eles gostam mesmo e aplaudem. É muito legal. Mas

Enquanto o instrumentista concedia a entrevista para os alunos da UFC, durante uma hora e oito minutos, o telefone não parava de tocar a sua procura.

aqui também tem sempre coisas boas.

Átila – *Manassés, você acredita que tenha havido uma evolução do público brasileiro em relação à recepção da música instrumental?*

Manassés – Sem dúvida, sem dúvida. Isso aí é uma coisa que acontece muito lentamente, mas é um público que cresce. Sempre tem mais alguém que escuta música instrumental, cada dia vai aumentando esse público. Embora seja um percentual muito pequeno, mas é um público que tem crescido e hoje em dia tem um público bom pra se tocar.

Régia – *Manassés, o que te fez voltar para o Brasil? Foi o convite do Fagner ou foi por outra razão que te influenciou?*

Manassés – Na realidade, o convite dele foi para eu ficar três meses aqui no Brasil, pra eu fazer o disco com ele, e depois eu voltaria para Paris. Inclusive, eu já tinha apartamento montado, já tinha esposa, filho... Tudo lá em Paris. Então eu vim para fazer o disco e ficar três meses, fazendo o lançamento. Só que, quando a gente começou, foi justamente o disco dele que estorou no Brasil inteiro com aquela música “Revelação”

(o disco “*Quem viver, Chorará*”). Então começou a aparecer shows e shows e shows... E muito trabalho. E eu fui ficando, fui ficando, fui ficando... E a mulher acabou vindo e acabou que eu fiquei de vez.

Eulalia – *Você disse que começou a compor em Paris. Eu queria que você falasse um pouco sobre isso. Esse processo de início da sua carreira com a sua música.*

Manassés – Eu comecei a compor justamente lá porque a gente tocava em alguns lugares

que davam a oportunidade da gente tocar nossas próprias músicas. Então, isso aí me encorajou um pouco e eu comecei realmente a fazer algumas músicas. Tocava em um lugar chamado “Jazz Brasil”, que hoje uma filial do “Blue Note”, que é uma casa de Jazz americana muito famosa. E agente tocava lá. E eu comecei a tocar algumas composições minhas e o público aceitou legal. Eu eu fui compondo mais... O meu trabalho realmente começou a partir dessa época, o trabalho instrumental.

Pedro – *O seu disco, o*

“Eu comecei a vir e o professor passou uns dois ou três meses me ensinando a história do violão, as peças do violão... Eu querendo tocar e nada de acontecer.”

“Manassés”, o primeiro LP solo, foi já fruto dessa experiência?

Manassés – Foi essa safra já de Paris. Algumas músicas que eu tinha feito em Paris. A maioria já eram músicas que eu tinha feito em Paris.

Pedro – *Desde o início da sua carreira até o momento da gravação desse primeiro disco é um espaço de tempo razoavelmente grande. Você acha que foi o momento ideal, em função da sua vivência profissional? O que isso trouxe de amadurecimento de seu trabalho, viajando pela Europa, para fazer um trabalho mais maduro, mesmo sendo o primeiro?*

Manassés – Eu acho que em meu primeiro disco, eu

estava muito inexperiente ainda, porque eu era muito novo, tinha muita pouca experiência de estúdio... Embora tenha sido um disco produzido pelo Fagner, que está lá na capa. Ele (*Fagner*) chegava no estúdio, me deixava lá... E na realidade, quem acabou dirigindo e produzindo praticamente fui eu. Ele tá como produtor, ele teve lá. Gravou também. Mas logo nos primeiros dias de gravação ele nem ia mais lá, aparecia lá no final... Deixou realmente a responsabilidade na minha mão. E eu me senti um pouco inexperiente nisso. Se eu fosse refazer aquele disco, eu faria muita coisa diferente, tá entendendo? Diferente do segundo que hoje em dia eu tenho consciência que eu fiz com experiência, que é um trabalho mais maduro. O primeiro disco eu acho que não é um trabalho maduro. Embora muita gente goste, eu não gosto muito. Eu acho que tem muita coisa que eu faria diferente.

Pedro – *Quem tocou contigo, neste primeiro disco?*

Manassés – Esse primeiro disco tocou o Dino Sete Cordas, que é um dos maiores violonistas de sete cordas do mundo até hoje, já tem 70, 73 anos... Mas é um músico desde os 20 e tá em todos os discos da MPB. Desde Carmem Miranda, (*bandolinista, já falecido*) Jacó do Bandolim, (*cavaquinista, autor de “Brasileirinho”*) Valdir Azevedo, até hoje ele grava. Tava o Dino, tava o Tuti Moreno, que é um baterista (*baiano*), na época tocava com o (*cantor*) Caetano Veloso. Tava o Ife, que é um baixista paulista. Abel Ferreira, que era um clarinetista muito conhecido no Brasil que morreu há uns cinco anos atrás. Foram



Dentre os telefonemas atendidos pelo funcionário do estúdio estavam os dos cantores Raimundo Fagner e Elba Ramalho.

Manassés teve o primeiro contato com o instrumento ainda criança, com apenas quatro anos de idade, em Maranguape, cidade onde nasceu.



Átila Bezerra, membro da equipe de produção, foi a Maranguape e conversou com um dos irmãos de Manassés, o radialista Moisés.

praticamente essas pessoas que fizeram o disco todo.

Kelly – *Manassés, você falando de seu primeiro LP, você fez críticas. Você se cobra muito quando faz um trabalho? Fica avaliando depois de pronto?*

Manassés – Eu sou muito autocrítico. Tanto que primeiro eu quero ouvir a opinião das pessoas para poder gostar ou não (ri). Mesmo o Nômade quando terminei que eu vi o disco pronto, eu fiquei assim, ouvindo. Será que isso mesmo? Será que é isso mesmo? Será que é isso mesmo? Aí as pessoas começaram a elogiar, aí eu vi que o disco chegou nas pessoas. Passei a ouvir o disco diferentemente. Então, hoje em dia é um disco que eu gosto muito. Embora ache que “Pra Você” é o meu disco preferido, mas o “Nômade” é um disco que eu gosto muito.

Régia – *Manassés, teve um período em que as gravadoras, para os instrumentistas gravarem, queriam que eles também cantassem. Você chegou até a gravar cantando. Como foi esse período?*

Manassés – Foi no disco da Banda Santarém, que era a banda que tocava com o Fagner. E a CBS pediu para a gente fazer um disco, mas pediu duas faixas cantadas. Só que na banda não tinha um que cantasse bem, todo mundo era desafinado. (risos)

Kelly – *Onome “Nômade” gerou uma polêmica. Alguns falam que é referente ao sertanejo estradeiro e outros que é referente a sua vivência por ter andado em muitos países...*

Manassés – São as duas coisas, né? Porque desde muito cedo eu saí pela vida. Já com 13 anos tinha saído de casa, já

morava aqui em Fortaleza e tocava na noite. Tocava numa boate, Madrugada, que era uma boate muito conhecida, na época, e era proibida até para menores. Mas eu andava com o atestado do juiz de Maranguape porque eu podia tocar nesses lugares. E a minha vida foi muito assim... Depois São Paulo, depois Paris, depois Rio e depois é que eu voltei pra cá. Eu agora decidi que não sou mais nômade não. “Nômade” só tem esse CD agora.

Kelly – *Como foi a decisão de voltar, foi da noite pro dia, vou montar o meu estúdio?*

“Eu acho que hoje a música toda é universal, esse negócio de música regional eu não gosto muito desse papo não, porque a gente sofre influência de tudo.”

Manassés – Não, a decisão de voltar, na realidade, é uma coisa que eu penso desde quando eu fui. Quando a gente sai daqui, sempre pensa em voltar. Pelo menos no meu caso nunca pensei ficar eternamente lá não. Pensava em ir pra lá e desenvolver um trabalho, trabalhar e depois voltar pra cá e...

Kelly – *Trabalhar no estúdio?*

Manassés – Sim. Desde o começo eu tinha uma idéia, mas era um sonho. A história do estúdio era coisa que naquela época a gente sonhava em ter. De um tempo pra cá, eu botei mais na cabeça. De 90 pra cá, eu comecei a pensar em realmente voltar e pensar numa maneira de sobrevivência aqui porque, na realidade, é muito

difícil viver de música aqui, não só aqui, mas em qualquer lugar, né? Então, a idéia do estúdio veio, foi crescendo, até que em 94 eu vim pra cá e em 96 eu comecei a botar o estúdio em andamento, em funcionamento.

Pedro – *Querida só voltar um pouquinho para tentar manter a historicidade. Nesse disco “Santarém”, as letras das músicas eram de quem?*

Manassés – Rapaz...

Pedro – *Não tem letra sua?*

Manassés – Não. Tinha letra do (cantor, compositor e arquiteto) Fausto Nilo. Era uma música chamada “Melão Caetano” que era cantada por uma cantora chamada Elza Maria. Tinha “Frio da Serra” que era uma música do Petrúcio Maia com o (compositor cearense) Brandão.

Pedro – *E foi depois disso que você foi para a Espanha?*

Manassés – Fui para a Espanha em 80. Fui gravar um disco do Fagner. Foi aí que a gente teve contato com o pessoal. (O compositor espanhol) Paco de Lucia, com a (cantora argentina) Mercedes Sosa, com outros artistas... com Camaron de la Isla que foi considerado o maior cantor flamenco de todos os tempos e participaram do disco. Muita gente boa. E foi a partir daí que a gente começou a desenvolver um trabalho mais com a Espanha. A gente tinha um intercâmbio grande. A gente foi pra lá, depois eles vieram pra cá. Fizemos uns shows aqui no Rio e São Paulo. Veio Mercedes Sosa, veio Manzanita, que é um violonista muito conhecido lá, veio, quem mais?...

Pedro – *Paco de Lucia?*

Manassés – Paco de Lucia veio também nessa época. Aí, a gente gravou outro disco aqui

Além de Moisés, estavam em Maranguape dona Hέλvia, esposa de Moisés, doutor Fernando, dentista, e Nonato. Este último é um exímio compositor com mais de 700 sambas. Desconhecido pela mídia.

no Brasil em homenagem ao (pintor) Pablo Picasso e participou Paco, participaram (compositor mineiro) Wagner Tiso, Nonato Luíz, eu, o Fagner e mais um cantor espanhol que eu não estou lembrado o nome.

Régia - Em geral, a fama fica com o intérprete. Você, trabalhando esse tempo todinho com o Fagner, nunca se incomodou a fama ser dele, ele fazer sucesso com composições suas?

Manassés - Não, a fama não me incomodou não. Eu queria ganhar o mesmo dinheiro que ele ganhou, mas a fama em si (risos). Eu até acho bom porque o que a gente vê por aí... Às vezes, as pessoas não têm privacidade. Eu saio com ele (Fagner), chega num canto sempre tem gente legal que vem falar, mas sempre tem alguém também pra encher o saco, às vezes, vem cobrar até, tá entendendo? "Ah! Por que você não canta mais aquela música?". E essas certas coisas é que é chato. A fama nem tanto, mas o dinheiro que ele ganhou eu gostaria de ter ganho.

Adilson - Como é o teu relacionamento com o Fagner hoje?

Manassés - É ótimo. A gente trabalha junto, continua trabalhando juntos, mas não da maneira que era, uma coisa assim, como se diz, exclusiva. Eu era músico exclusivo da banda dele. Hoje em dia não, estou fazendo show com ele, estou fazendo com a Elba também. Recebi (convite), inclusive agora, na semana que vem, pra fazer o lançamento do CD que a gente gravou ao vivo em Salvador. Gravamos um outro CD no estúdio. Vão ser lançados dois CDs em comemoração aos 20 anos de carreira dela.

Régia - Mas teve uma

época que houve um desentendimento entre vocês? Por que aconteceu isso?

Manassés - Porque é impossível a gente conviver com o Fagner a vida toda sem ter um desentendimento (risos). Sempre tem, mas somos grandes amigos hoje em dia. Sempre se desentende, não pode é ficar um balançando a cabeça pro outro: "Tá certo, tá certo, tá certo..."

Régia - Mas a gente pode saber o motivo?

Manassés - Desentendimentos até musicais mesmos, até políticos também. Teve uma polêmica na época

“E tem uma briga de faca (...) Então, eu gostei muito dessa cena do filme e da música também. E fiz essa música em homenagem a essa seqüência (...) do Glauber Rocha.”

das eleições, mas foi um lance tão natural que acontece com os amigos mesmo, quando existe opiniões contrárias, né? Nem sempre a gente tem a mesma opinião e às vezes...

Átila - Tem alguma tendência política? Você falou desse desentendimento. Você tem algum atrito com o PSDB?

Manassés - Não. Hoje em dia, rapaz, eu sou menos radical. Nessa época, eu estava meio radical, eu estava pegando meio pesado até. Embora, hoje, eu permaneça com o mesmo pensamento. Mas eu não tenho mais aquela coisa, aquele rancor que a esquerda tem com a direita. Então, hoje em dia eu convivo perfeitamente com o pessoal do PSDB, embora eu pertença

ao Partido Verde. Eu convivo legal com esse pessoal, o governador é gente boa pra caramba.

Adilson - Nos anos 80 chegou a se apresentar na Nicarágua.

Manassés - Fiz também lá.

Adilson - Falou da luta sandinista?

Manassés - Foi. Fui tocar no Festival da Canção Latino-americana que existe nos países latinos. A gente já tocou duas vezes nesse festival, uma vez no Uruguai e outra vez na Nicarágua. O problema é que na Nicarágua tava tendo problema da guerra civil, então foi bem tensa, a vida da gente foi um pouquinho complicada. A gente não ficou muito à vontade, mas foi legal...

Pedro - Chegou a ter algum problema nesse show, nessa estada na Nicarágua?

Manassés - Não. O problema, rapaz, é que a gente encontrou uma cidade totalmente destruída pelas bombas, pela guerra e pelo um terremoto que tinha tido. Então, a gente tocou numa praça principal que tem a Catedral e o Palácio do Governo, tudo destruídos e são cartão postal da cidade. E o clima muito tenso, as pessoas com armas, metralhadoras na rua. Onde a gente ia era com uma escolta muito grande, até por segurança mesmo. Mas a gente ficava um pouco incomodado com isso. Na época, fui tocar com o Chico Buarque, com o Martinho da Vila e com o Fagner. Mas teve também a Mercedes Sosa, teve Pablo Milanez (cantor e compositor cubano), teve Silvio Rodriguez (cantor e compositor cubano), os grandes nomes da música latina-americana tiveram presentes nesse festival.



Manassés recebeu uma homenagem da Prefeitura de Maranguape em 1998. Os companheiros do grupo os "Barra Limpas" deram-lhe de presente uma antiga camisa com a qual o grupo se apresentava.

A conversa não se pôde prolongar por mais de meia hora porque Nonato e Moisés tinham de ir à Associação dos Músicos de Maranguape, da qual Manassés também é membro.



Manassés já residiu em Maranguape, Fortaleza, São Paulo, Rio de Janeiro e Paris.

Alexandre - *Eno tempo da ditadura você chegou a ter algum problema?*

Manassés - Não, porque eu ainda era muito novo, eu não tinha muito envolvimento com a política. Morava numa cidade do interior e não tive envolvimento maior com o lance da ditadura, com o lance da esquerda. Na época, fiquei meio disso. Só vim perceber isso quando vim morar em São Paulo e a gente viu a repressão, o que era ser parado na rua. Foi a partir daí que eu comecei a acordar um pouco pra essa coisa que estava acontecendo na época. Eu conhecia algumas pessoas, freqüentava bares em São Paulo freqüentados justamente pelo pessoal do movimento de esquerda e eu não sabia. Eu freqüentava porque tinha uns amigos que iam lá, músicos. E toda noite a gente levava geral. Esse bar era invadido pela polícia, os caras davam geral em todo mundo, acabavam levando algumas pessoas e eu não sabia direito o que era isso. Então, não tive uma participação ativa nessa época.

Pedro - *Tem uma relação de afeto especial com o Rio?*

Manassés - Eu sempre tive uma relação muito boa com o Rio. Minha filha não nasceu no Rio porque só veio nascer aqui em Fortaleza, mas foi criada lá. O problema é que o Rio foi ficando insuportável para mim e eu não tinha mais tranquilidade. Minha mulher trabalhava fora, minha filha ia pra escola, chegava a hora de voltar, se não chegasse, ficava preocupado. Então, o estresse era meio pesado e foi isso que me fez pensar em voltar porque eu sempre vinha passar férias, sempre vinha duas, três vezes por ano ao Ceará. Chegava aqui com a tranquilidade, um lugar bom de se viver. Acabei

por tomar essa decisão até por uma questão de qualidade de vida porque a cidade aqui é bem melhor de se viver.

Régia - *Voltando só um pouquinho pra Banda Santarém. Você resolveu fazer carreira solo. Por que queria obter de alguma maneira o reconhecimento? Foi por isso que você deixou a Banda Santarém?*

Manassés - Não. O lance da carreira solo é uma questão até de você correr atrás do seu próprio trabalho mesmo, embora eu sempre soubesse que é muito difícil se ter uma carreira solo instrumental,

“E a gente foi a convite do governo russo . (...) não sei o que houve (surpreso), mas o público entrou em sintonia com o som que eu estava fazendo (...)”

principalmente, no Brasil. E todo músico que está na música, mesmo tocando com os cantores, a gente sempre pensa em fazer trabalho solo. Embora saiba que é muito difícil de ser reconhecido pelas rádios porque é um trabalho que economicamente não interessa às grandes gravadoras multinacionais. Por elas, não interessa vender cinco mil cópias de um disco. Para elas, só interessa vender 100 mil de uma porcaria do que de uma coisa maravilhosa. Eu sempre quis fazer a minha carreira e estou construindo mais na questão de construir uma obra mesmo, pra ficar, tá entendendo? É claro, se tiver um retorno imediato, se for reconhecida mundialmente ou internacionalmente, é claro que

é muito bom. Mas o meu caminho mesmo é construir, gravando os meus discos, deixando aí. Um dia, sei lá, pode ser que mesmo depois de morto... Pelo menos vai ficar para os meus filhos aí.

Pedro - *O “Pra você”, seu segundo disco solo, você falou que é melhor do que o outro. Você acha que essa melhora foi em questão da sua vivência maior?*

Manassés - Da própria experiência musical mesmo que eu tive, né? Porque eu gravei o primeiro em 78 e o segundo em 87, quase dez anos depois e agora o outro dez anos depois. Mas já tem algumas trilhas pra cinema, tem algumas coisas já que eu pretendo lançar em CD. Já estão prontas só esperando assim um patrocinador pra poder lançar.

Alexandre - *Como é que você vê a história das trilhas de cinema? Campo Branco, Iremos à Beirute. Tem bastantes filmes cearenses com trilha sonora sua?*

Kelly - *Inclusive com a premiação no Cine Ceará...*

Manassés - É, eu tenho feito bastante coisa pra cinema aqui. Ganhei duas vezes o Cine Ceará, ganhei também o Festival de Recife e é uma coisa que eu descobri que eu gosto muito de fazer. É muito legal o lance das imagens, você faz a música a partir da imagem. Isso aí é uma coisa que dá muito prazer.

Eulalia - *Como você vê o panorama musical cearense hoje?*

Manassés - Eu vejo muita coisa boa pintando por aí e vejo também que o pessoal amadureceu bastante. Estão fazendo uma música mais séria agora, pensando realmente em produzir um trabalho que saia do Ceará pra outros lugares,

Aos 13 anos, Manassés deixou a casa dos pais, em Maranguape, para residir em Fortaleza em busca da realização de uma carreira profissional.

pro resto do Brasil. Um exemplo disso são os vários discos que saíram aí, próprio da (cantora e compositora cearense) Kátia Freitas, do (cantor e compositor cearense) Isaac Cândido, que também é muito legal, o disco do (cantor e compositor cearense) David (Duarte), o disco do (cantor e compositor cearense) Chico Pio, do (cantor e compositor cearense) Rogério Franco, que está saindo agora. Tem muito trabalho bom.

Kelly - Como você se sente podendo trabalhar com esses novos talentos no seu próprio estúdio depois de ter passado por tanta coisa, tantas experiências?

Manassés - Ah! Eu acho legal fazer esses discos porque são trabalhos que eu tenho certeza que não vão ficar por aí. Eu acho que vai acontecer alguma coisa, embora não estejam acontecendo agora, mas eu acho que alguém dessa turma aí vai acontecer.

Pedro - A história da Lei Jereissati tá sendo bom porque a grande crítica é a seguinte: faz-se CD, mas não existe um esquema de distribuição. O CD é feito, o livro é editado, mas ninguém ouve, ninguém assiste...

Manassés - O problema da distribuição é o problema da execução também. Se as rádios começarem a tocar, esses discos vão ter que ser distribuídos porque as pessoas vão procurar. Enquanto não houver isso, vai ficar esse negócio de fazer um show em bar, fazer um show ali, vender um disco aqui. As rádios poderiam dar uma força e inclusive vou citar aqui uma lei que, embora tenha vindo de uma pessoa que eu não goste muito, que é o Antônio Carlos Magalhães, quando ele era

governador da Bahia, ele teve uma lei que todos as rádios da Bahia, não só da capital, teriam que tocar 60% de música produzida na Bahia. Isso foi há 15 anos atrás. Então, na época, houve uma resistência muito grande das rádios, das emissoras, mas a lei foi cumprida ou, pelo menos, foi cumprida em parte. E hoje em dia, a Bahia táí. Os músicos da Bahia começaram a tocar primeiramente lá pra depois sair pro resto do Brasil. E inclusive conversei isso com alguns políticos aqui, (ex deputado estadual do PT) Mário Mamede, com (ex-secretário estadual de cultura

“Aí as pessoas começaram a elogiar, aí eu vi que o disco chegou nas pessoas. Passei a ouvir o disco diferentemente. (...) o 'Nômade' é um disco que eu gosto muito.”

e hoje deputado estadual pelo PSDB) Paulo Linhares, de alguém, de repente, fazer alguma coisa parecida com isso, pra poder o trabalho sair. Aí não vai ter problema de distribuição porque vem a gravadora que vai querer distribuir, vai vir um produtor que vai querer botar o olho: - Oh! Isso aí pode dar dinheiro. “Então, a partir daí vai acabar esse problema”.

Kelly - Você recebeu propostas de gravadoras na época do “Nômade”, por que não aceitou?

Manassés - Porque nunca existiu um interesse das gravadoras, principalmente, multinacionais. Na época, não existiam gravadoras nacionais como existem hoje, mas não

existia o interesse em gravarem discos instrumentais.

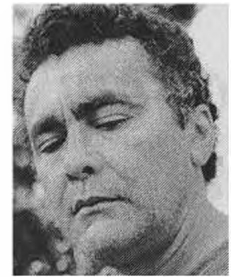
Alexandre - A massificação desses forrós eletrônicos vem espalhando o nome do Ceará aí fora. Como você vê isso?

Manassés - Tem que ter uma coisa ruim em algum lugar. Se for tudo coisa boa, não é legal. Então, a música também tem que ter coisa ruim, né? Tem que ter sertanejo, tem que ter forró eletrônico, feito de qualquer jeito aí. Eu, na realidade, não gosto. Mas não sou contra não, enquanto não me afetam. Teve um tempo até que eu ficava meio puto com esse negócio. Pô! Essa porra aí tocando e a gente fazendo música séria aqui e não toca. Mas, hoje em dia não me incomoda não.

Alexandre - Tanto o forró eletrônico, talvez até também o movimento Mangue Beat, serviram de impulso pra revitalização da música nordestina de uma certa forma. Começou a aparecer lá, pelo Sul. O que você acha disso?

Manassés - O (cantor e compositor pernambucano, falecido em 1997) Chico Science não considero muito como música nordestina não. Acho que é uma mistura de rock n' roll com música nordestina, mas não acho que seja música nordestina. Acho que é uma mistura das duas coisas que deu certo e é muito legal. E tem o (banda de forró tradicional pernambucana) Mestre Ambrósio que já faz um trabalho mais regional mesmo de música nordestina. É um trabalho sério que não pode comparar com os trabalhos que estão sendo feitos, principalmente, aqui no Ceará, com essas bandas de forró que são de doer, né?

Pedro - E antes do “Nômade” você gravou



Durante a adolescência teve influência dos estilos musicais dos anos 60 e participou dos conjuntos “Barra Limpas” e “Os Dissonantes”.

Ainda menino, Manassés não largava o violão. Mesmo quando estava doente, o instrumento lhe fazia companhia na cama.



Mesmo morando fora, o músico costumava vir duas ou três vezes por ano ao Ceará para visitas à família.

“Filhos do Solo”, né?

Manassés - “Filhos do Solo” é um disco meu, do Nonato Luiz e do (sanfoneiro cearense) Waldonys que foi gravado ao vivo no Teatro José de Alencar.

Pedro - Como é o seu relacionamento com os dois, trabalhando? Trabalhou muito com eles?

Manassés - Não. É meio difícil juntar três pessoas que têm seus próprios trabalhos, bem diferentes. Na hora, sempre acaba um tendo uma idéia, o outro não aceita... É meio difícil. A gente fez esse trabalho e foi um trabalho que deu certo. Foi um show muito legal, inclusive a gente teve nos Estados Unidos com esse show. Fomos tocar no (festival patrocinado pela empresa de componentes eletrônicos) JVC em Nova Yorke e participaram nomes brasileiros: Caetano, Milton Nascimento, Cheek Corea (guitarrista norte-americano). Muita gente boa do mundo todo.

Régia - E como surgiu essa idéia de gravar esse CD?

Manassés - Foi idéia do Fagner que teve a idéia de fazer um show e, logo em seguida, a gente fez o CD. E agente chegou a fazer um trabalho junto, mas o Nonato tem um trabalho próprio muito grande. Ele viaja muito e, na realidade, ele gosta muito de fazer o trabalho solo dele. O Waldonys gravou dois discos agora e tá correndo atrás do trabalho dele também, tá cantando. Então, ficou difícil de gente continuar, mas é um trabalho que eu gostaria até de retomar, se fosse possível.

Átila - O que é que lhe agrada musicalmente hoje? O que você gosta de escutar em casa?

Manassés - Eu escuto o

Lenine (cantor e compositor pernambucano), gosto do Lenine. Djavan (cantor e compositor alagoano) escuto de vez em quando, mas eu não paro pra escutar, assim... Gal Costa, isso aí.. gosto de ouvir mais trabalhos alternativos. Até gosto de ouvir o pessoal que tá fazendo disco aqui (no estúdio Olho D'água), até pra fazer avaliação essa coisa toda. E quando eu posso tem meus discos do guitarrista Pat Matheny (guitarrista americano). Dos brasileiros... o que é que eu tenho escutado... o Rafael Rabelo (violonista brasileiro), mas na realidade

“A fama não me incomodou não. Eu queria ganhar o mesmo dinheiro que ele (Fagner) ganhou. Mas a fama em si (risos). Eu até acho bom, porque o que a gente vê por aí...”

hoje em dia eu não escuto música não.

Pedro - Você está com o estúdio aqui, Olho D'Água, cheio de equipamentos. Quero saber como é o seu relacionamento com as tecnologias ligadas à música?

Manassés - Eu nunca trabalhei muito com isso não. É porque, quando eu montei o estúdio, a coisa do sampler é uma coisa direcionada. Alguns músicos dão cena pra fazer isso. Eu trabalhava em São Paulo e tinha alguns tecladistas que se identificavam com esse tipo de música. Eu sempre fiz essa música usando a tecnologia, mas música bem voltada pra mão mesmo, né? Como se diz, manuais mesmo. E uma coisa feita à mão. A

gente até chegou a trabalhar uma época com publicidade, até usou a tecnologia do computador, programas de computadores, mas normalmente nos discos eu não utilizo esse... A gente utiliza equipamentos muito bons. Acabou até de receber um equipamento muito bom, envalvulado, que voltou a válvula agora. Então, estamos com envalvulada aí também, mas eu não tenho utilizado muito esse artifício não.

Kelly - Manassés, você passa muito tempo trabalhando aqui no estúdio, o que você faz quando não está nem tocando nem ouvindo música?

Manassés - O que eu quero mais é o meu sofá e a minha televisão. Em casa eu vou mesmo é pro sofazinho, minha televisãozinha. Escuto música, assim, em casa quando acordo, boto alguma coisa e tudo. Minha mulher gosta muita também, sempre tá colocando...

Alexandre - Manassés, tu como nordestino, cearense, você acha que sofreu alguma influência de artistas populares daqui, no caso dos Irmãos Anicete (banda de pifanos cearense), Patativa do Assaré (poeta popular cearense), gente que...

Manassés - Patativa sem dúvida, né? Porque sempre tive contato, inclusive, tem um disco do Patativa que eu fiz as trilhas de fundo, foi o “Sonho Fácil”, que é um dos discos dele e tive com artistas daqui, o Ari Lobo, que é um artista cearense que teve na mídia em certo tempo. E, principalmente Luiz Gonzaga, né? Trabalhei com ele um tempo, fazendo show... Ganhei até a foto ali (aponta para a parede) do show que a gente fez junto, com Sivuca, Dominginhos. Sempre fui muito ligado à raiz

Após a entrevista, Manassés posou na frente do estúdio com o seu violão para ser fotografado pelo aluno Alexandre Vale.

dentro da música nordestina. Depois é que eu viajei e comecei a conhecer outros músicos, comecei a ter curiosidade de aprender outros tipos de som, de ouvir outras coisas e a partir daí misturar com minha música mesmo.

Alexandre – *Esse último CD seu, o Nômade, ele tem uma coisa bem nordestina, mexe com muitos elementos nordestinos. A sua infância estando no interior... a coisa do sertão teve influência sobre essa música?*

Manassés – Com certeza, porque eu ouvia muito violeiros lá em Maranguape tinha uma feira todo sábado e domingo... que eu tava na feira e tinha os violeiros que tocavam também. Tinha os emboladores que hoje se vê muito pouco (lá em Maranguape), se vê mais na região do Cariri (sul do Estado do Ceará), região do Quixadá (município no sertão central cearense, a 160 quilômetros de Fortaleza) a gente ainda vê essas coisas. Mas eu me envolvi muito com violeiro. Até me interessei pela viola a partir dos violeiros que eu ouvia na minha cidade, dos emboladores de coco. Eu sempre fui muito ligado à cultura popular mesmo, cultura de raiz. Agora sempre fui uma pessoa muito curiosa também de querer conhecer outras coisas. Não ficar naquela coisa de raiz demais, né?

Alexandre – *Você teve alguma preocupação em tentar fugir um pouco da história de raízes ou fluiu naturalmente, como é que foi essa história?*

Manassés – Isso foi uma coisa que aconteceu naturalmente. Não teve alguém que falasse: “Ah, vá por aqui ou vá por ali”. Sempre foi uma coisa natural mesmo na minha

carreira. Às vezes, tem uns trabalhos puristas, tem uns trabalhos que eu já uso instrumentos eletrônicos. E por aí vai... acho que depende do momento que você está passando, o que você quer, o que sua cabeça tá mandando.

Átila – *Como é sua atual relação com Maranguape?*

Manassés – Rapaz, eu acho que você é de Maranguape, né não? (risos) Hein?

Átila – *Minha família é.*

Manassés – Eu tô achando que você é de Maranguape (risos). Minha família toda mora em Maranguape, gosto muito de Maranguape. Sempre

“Porque é impossível a gente conviver com o Fagner a vida toda sem ter um desentendimento (risos) Sempre tem, mas somos grandes amigos hoje em dia.”

tô indo lá, dia de domingo, uma coisa...

Átila – *Você recebeu uma homenagem lá o ano passado. Eu queria que você falasse um pouco disso.*

Manassés – Ah, foi muito legal porque foi uma coisa feita com carinho das pessoas. Achei muito legal por causa disso. Por conta disso, foi uma coisa espontânea. Não foi uma coisa direcionada, né? Eu acho que foi uma coisa espontânea.

Pedro – *Até se reavivou os “Barra Limpas”...*

Manassés – Foi. Recebi um presente que é uma blusa que a gente tocava no conjunto. Tá lá em casa guardada.

Kelly – *O Nelson Augusto falando sobre o Cd Nômade não quis dizer que era o último porque já estava esperando o*

próximo, quais são os próximos trabalhos que você...

Manassés – O próximo tô tentando, justamente, lançar um CD que eu fiz mais ou menos umas 8 ou 10 trilhas pra cinema, juntando numa só, pra lançar um CD só com trilhas que eu fiz pra cinema. Seria o meu próximo CD. E o CD que eu vou fazer mesmo... o ano que vem eu devo começar a fazer, mas primeiro vou lançar só com as trilhas.

Pedro – *Essas trilhas todas elas resultaram em filmes mesmo ou tem trilhas que foram feitas e que não... acabaram não...*

Manassés – Todas elas foram, foram... 3 longas-metragens e uns 8 ou 10 curtas.

Pedro – *Tinha aquele filme na verdade é o vídeo... da história do campo de concentração...*

Manassés – Esse é o “Cerca Seca”

Pedro – *E vai sair?*

Manassés – Vai sair. Vai... o filme vai sair... vai participar do Festival do Cine Ceará do ano que vem...

Pedro – *A trilha é sua?*

Manassés – A trilha é minha.

Pedro – *Tá no CD essa trilha?*

Manassés – Alguma coisa dele já vai entrar. Vai sair antes do filme até.

Adilson – *Trabalhar com música em estúdio de certa maneira... em algum momento você se sentiu explorado pelas gravadoras?*

Manassés – Com certeza, muitas vezes. E... nunca reclamei porque eu tava ali pra isso também, tá entendendo? Quando... a época que eu participava de muitos discos, morava no Rio e gravava muito. Então a partir do momento que eu partir pra fazer esse trabalho de estúdio,



No decorrer da entrevista, a turma mostrou-se ansiosa e, algumas vezes, houve alunos querendo falar ao mesmo tempo.

Ao término da entrevista, a turma quis amenizar o calor de quase 35 graus que fazia dentro do estúdio. Um vendedor de picolés que passava pela rua vendeu quase todo o seu estoque.



Alguns alunos e o professor Ronaldo, depois, foram para um barzinho localizado na rua Norvinda Pires, onde fica o estúdio.

aí bicho é que nem prostituta, você tem que ir pra quem paga, né. Então fiz muita coisa que hoje em dia eu não faria, gravaria... gravei com alguns artistas que realmente não boto no meu currículo de jeito nenhum.

Pedro – *A vontade de ter o seu estúdio veio um pouco disso também?*

Manassés – Também. Embora aqui também eu seja obrigado a fazer um pouco disso, mas eu posso controlar um pouco isso também. Posso controlar.

Pedro – *Até porque muitos desses CDs a direção é sua?*

Manassés – Quando eu assino a direção é um trabalho que boto fé. Normalmente é um trabalho que eu boto fé.

Neda – *Manassés, você tem uma filha que tá iniciando a carreira como cantora. Como é que você vê isso?*

Manassés – Eu vejo com muita tristeza (*risos*). Não, eu acho legal porque é uma coisa natural dela. Ninguém forçou a barra. A mãe é bailarina e ficava forçando a barra pra ela fazer balé, o tempo todo, sabe? E ela não queria de jeito

nenhum. Botava ela pra fazer aula e ela dizia: “Num quero ir pra esse balé”. E na música não, deixei por conta dela. Ela se interessou e eu até chamei pra fazer alguns trabalhos comigo, trabalhos de publicidade. Ela acabou fazendo, depois ela se afatou, não quis mais, e agora voltou com força total... Tá com uma banda aí... Tá ensaiando. Brevemente vai ser o lançamento da banda dela. Cantando rock in roll, mas o quer se pode fazer, né?

Régia – *Você já fez vários trabalhos com artistas brasileiros... Vários convites surgiram, você já chegou a se negar a trabalhar com algum artista, viu que a música não lhe agradava, o estilo não lhe agradava?*

Manassés – Já fiz, mas também já trabalhei com muito artista que não me agradava, mas eu tinha que trabalhar porque era minha profissão e eu tava ali pra isso. A partir do momento que eu começava a fazer eu me dedicava, mas não eram coisas que realmente eu pudesse colocar no meu

currículo. Alguns trabalhos, realmente, não é que eu me envergonhe, mas não faria novamente.

Régia – *Mas não chegou a se negar?*

Manassés – Cheguei a me negar também, mas a maioria eu tive que aceitar.

Átila – *E qual foi o motivo pelo qual você se negou a trabalhar?*

Manassés – Porque já tava trabalhando (*risos*) Se eu tivesse desempregado eu acho que eu aceitaria. Como foi uma coisa que dava pra fazer os dois... até na época daria pra fazer os 2 trabalhos, mas como eu tava trabalhando, tava ganhando legal e tudo.. eu não achei necessário fazer esse trabalho. Achei que num...num ia ser legal pra mim então acabei não fazendo.

Kelly – *Manassés o que emociona você, além da homenagem em Maranguape, o que te deixa emocionado?*

Manassés – Vocês, hoje (*risos*). Verdade, fiquei até um pouco nervoso.